

4
títulos*

407
vitórias**

1.290
pontos**

1.422
gols***

469
gols de saldo**

* Empatados com Corinthians, Palmeiras e Flamengo.
** Inclui os 6 a 1 no Botafogo e o 2 a 2 com o Inter de 1995, resultados que foram mudados pelo STJD para 0 a 1, mas cuja polêmica decide foi anulada pela Justiça.



Jorge Araujo/Folha Imagem

tetracampeão

Leandro grita para as arquibancadas lotadas do Morumbi

Global, São Paulo se consagra em casa

Tricampeão mundial e da Libertadores, clube alcança o topo nacional ao conquistar seu primeiro Brasileiro em casa

Taça 'fake' embala título obtido com empate sofrido diante do Atlético-PR num Morumbi tomado por mais de 68 mil entusiasmados fãs

**LUÍS FERRARI
PAULO GALDIERI
RODRIGO BUENO
TONIASSIS**
DA REPORTAGEM LOCAL

O São Paulo trocou neste ano o mundo pelo Brasil. Com o título nacional obtido ontem no Morumbi após empate com o Atlético-PR em 1 a 1, o clube alcançou o quarto Brasileiro, o primeiro ganho em seu estádio,

o primeiro nos pontos corridos.

Nos 15 anos de jejum de taças nacionais do time, o São Paulo ergueu 11 títulos oficiais internacionais (ninguém o superou nisso no planeta no período), mas viu rivais se revezarem no topo da bola dentro do país.

Tetracampeão, agora está empatado em conquistas do Brasileiro com Corinthians, Palmeiras, Vasco e, oficialmente, com o Flamengo, pois a CBF não dá o rubro-negro carioca como o vencedor de 1987.

É fato que ontem o time ficou aquém do que mostrou no torneio, mas a campanha avassaladora deste ano — o título foi conquistado na antepenúltima

rodada, como fez o Cruzeiro em 2003 — salvou a temporada do clube, vice da Libertadores, do Paulista e da Recopa.

Como nas conquistas prévias, em 1977, 1986 e 1991, a taça veio sem vitória na partida decisiva: o título de ontem foi sacramentado com um empate, resultado que aumenta a aura "imbatível" do time de Muricy Ramalho — é o que menos perdeu em uma campanha na era dos pontos corridos.

E recordes são impulsionados. O São Paulo, mesmo não tendo jogado em 1979, é o time que mais acumulou pontos, vitórias, gols e mais saldo de gols somou na história do torneio.

Leonardo Wen/Folha Imagem



Morumbi, com festa e recorde

A conquista de ontem integra o ciclo mais vitorioso do São Paulo após a era Telê Santana, técnico que morreu neste ano, mas que é imortal para os são-paulinos. Ontem, mais uma vez, ele — que, nos anos 90 teve Muricy Ramalho como auxiliar-técnico — foi reverenciado nas arquibancadas.

Em dois anos, o clube ganhou Paulista, Brasileiro, Libertadores e Mundial. Agora, alguns heróis das campanhas, como o meia Danilo, devem sair.

O técnico, cujo contrato se encerra no fim desta temporada, porém, deve seguir. O presidente Juvenal Juvêncio disse que Muricy continua em 2007.

O título foi visto por quase 70 mil pessoas ontem no Morumbi. Os jogadores trataram de oferecer a conquista a Weverton, morto, e Bruno, tetraplégico, goleiros que integravam este ano o elenco do São Paulo e que foram vítimas de um acidente de carro ocorrido bem em meio às finais da Libertadores, contra o Internacional.

Ontem, a festa teve até taça. Empresários criaram um troféu, que foi entregue a Rogério Ceni por Mario Illico, autor do gol no título de 1991. O prêmio foi alusivo às quatro conquistas dos dois últimos anos.

➔ LEIA MAIS D2 a D5 e D8

REDE CONCESSIONARIA PEUGEOT

**NÃO É 1.0
É 1.4 Flex**



Peugeot 206 Sensation 1.4L Flex

- Aquecimento interno • Brake-light
- Desembaçador do vidro traseiro
- Regulagem de altura da coluna de direção e do fecho dos faróis
- Tela multifunções • E muito mais.

IPVA 2006 GRÁTIS

POR R\$ **31.900,**



**OFERTAS
DE FÁBRICA
PEUGEOT**

Estamos levando as ofertas do FEIRÃO DE FÁBRICA para dentro das concessionárias.

AR CONDICIONADO DIREÇÃO HIDRÁULICA



Peugeot 206 SW 1.4L Flex

- Farol de neblina • Barra de teto
- Vidro traseiro basculante
- Banco com regulagem de altura
- E muito mais.

IPVA 2006 GRÁTIS

POR R\$ **37.900,**

TODA LINHA PEUGEOT



A Peugeot tem fábrica no Brasil.
Por isso é barato manter um Peugeot.

CAEP - Central de Atendimento Especializado Peugeot: 0800 703 2424 - www.peugeot.com.br

Peugeot usa e recomenda lubrificantes TOTAL

Affinité

- Av. dos Bandeirantes, 485 (011) 3848-4800
- Av. Gomes de Carvalho, 421 Oficina (011) 3849-9666

Aquitaine

- Auto Shopping Aricanduva (011) 6723-9100
- Av. Francisco Morato, alt. 900 (011) 3093-4200
- Rua Tuiuti, 2.551 (011) 6942-5500

Avallon

- Av. das Nações Unidas, 23.293 (011) 5682-5050
- Av. Washington Luiz, 2.820 (011) 5681-3979
- Av. Giovanni Gronchi, 6.470 (011) 3772-7005

Paris

- Av. Dr. Gastão Vidigal, 741 (011) 3838-2800
- Av. Pacaembú, 1.492 (011) 3829-6900
- Av. Sumaré, 1.529 (011) 3672-7299

Pavillon

- Av. Santos Dumont, 2.000 (011) 6223-4000
- Av. Bráz Leme, 410 (011) 3959-2000

Super France

- Rua dos Machados, 38 (011) 6903-3000
- Av. Dr. Ricardo Jafet, 1.965 (011) 5069-5500
- Av. Indianópolis, 649 (011) 5572-2800

Victoire

- Rua Colômbia, 652 (011) 3083-0466
- Av. Morumbi, 8.440 (011) 2187-3100
- Rua Min. José Galotti, 501 - Seminovos (011) 5042-0166

Fotos somente para fins ilustrativos. Peugeot 206 Sensation 1.4L Flex - 3 portas, pintura sólida - ano/mo delo 06/07. Preço sugerido pela tabela do fabricante R\$ 36.700,00, com frete incluso e IPVA 2006 Grátis proporcional ao ano corrente. Preço promocional para venda à vista no feirão R\$ 31.900,00. Peugeot 206 SW 1.4L Flex - pintura sólida - ano/mo delo 06/07, com frete incluso e IPVA 2006 Grátis proporcional ao ano corrente. Preço promocional para venda à vista no feirão R\$ 37.900,00. Condições válidas para o estoque disponível na Rede de Concessionárias Peugeot de São Paulo participantes. Promoção válida até 28/11/2006 ou enquanto durarem os estoques, não cumulativa com outras promoções. Alguns itens apresentados são opcionais. Para mais informações sobre preços e condições especiais, ligue para 0800 703 2424 ou acesse www.peugeot.com.br. *A Peugeot do Brasil reserva-se o direito de modificar as características técnicas e preços de seus produtos, peças e serviços sem prévio aviso.

DIRIJA ESSE PRAZER



Painel FC

RODRIGO MATTOS (interino) painelfc.folha@uol.com.br

Novidades

Campeão brasileiro, o São Paulo já deixou adiantadas as negociações com três ou quatro reforços para 2007. São atletas para o meio-campo e o ataque, posições que os dirigentes ainda consideram carentes. Isso porque o projeto é ter dois times fortes no elenco na próxima temporada. A diretoria já se prepara para enfrentar um ano mais duro do que 2006. Como também vão disputar a Copa Sul-Americana, os cartolas já estimam que jogarão em torno de 85 partidas, contra cerca de 70 neste ano.

Mão aberta. A diretoria são-paulina aumentou o bicho a pelo título Brasileiro. Já vinha pagando prêmios por cada jogo. Mas, pelo empate e a conquista, o valor cresceu. A promessa é que os jogadores recebam na quarta-feira.

Antecipada. Apesar de ter dito que não programava festa, a diretoria são-paulina encomendou à Reebok na quinta-feira as camisas comemorativas, com a inscrição 4-3-3. É uma referência aos quatro Brasileiros, três Libertadores e três Mundiais. A taça, feita por empresários ligados ao clube, foi feita na mesma data.

Novo produto. O DVD com cenas de bastidores do título deve ser lançado no mercado em 12 de dezembro. E dirigentes já falam em fazer outra camisa no final de 2007, com 4-4-4. Querem a Libertadores e o Mundial, de novo.

No banco. Ao ver a camisa do título, Muricy Ramalho fez cara feia para dirigentes. Achou que estavam interferindo no seu trabalho, já que o 4-3-3 também é um sistema tático. Depois, riu da história.

Hora extra. Atletas armavam outra festa, em uma boate. Não divulgavam qual, para evitar a lotação, ocorrida na comemoração oficial.

Em alta. Após o título, a diretoria do São Paulo já projetava como aumentar receitas. A estratégia é obter reajustes nas renegociações dos contratos de patrocínio e de material esportivo, com a LG e a Reebok, no final de 2007.

Trunfo. Para pedir aumentos, contam com um estudo que mostra que a LG obtém R\$ 120 milhões por ano em exposição na mídia, com a camisa do clube. Hoje, o clube recebe R\$ 17 milhões/ano.

Invasão. No campo, torcedores não entraram, mas a presença deles no vestiário dificultou a saída de atletas.

Divórcio. O presidente corinthiano, Alberto Dualib, rompeu, de novo, com o seu ex-vice Antônio Roque Citadini, de quem vinha se aproximando nos últimos meses. Segundo cartolas do clube, o mandatário do Parque São Jorge irritou-se ao saber que Citadini fizera insinuações sobre sua relação com a MSI, em conversa informal.

Pitaco. Dirigentes do Corinthians mostram descrença sobre a ida de Carlos Alberto para o Flamengo, no acordo com a MSI. Dizem que o mais provável é sua volta à Europa.

Colaboraram EDUARDO ARRUDA e PAULO GALDIERI, da Reportagem Local

Dividida

Estou me lixando para os que me criticaram. O título é para quem estava do nosso lado

Do meia são-paulino Souza sobre os ataques que recebeu por conta da declaração de que o São Paulo já era campeão logo após a vitória sobre o Goiás, no último domingo

GOL A GOL

CAMPEONATO BRASILEIRO

Classificação	PONTOS	JOGOS	VITÓRIAS	EMPATES	DERROTAS	GOLS PRO	GOLS CONTRA	SALDO DE GOLS	APROV. (%)
1º São Paulo	74	36	21	11	4	64	32	32	68,5
2º Internacional	66	36	19	9	8	47	31	16	61,1
3º Grêmio	64	36	19	7	10	61	44	17	59,3
4º Santos	60	36	17	9	10	54	34	20	55,6
5º Vasco	57	36	15	12	9	56	49	7	52,8
6º Paraná	56	36	17	5	14	54	49	5	51,9
7º Figueirense	53	36	14	11	11	48	43	5	49,1
8º Cruzeiro	50	36	13	11	12	49	42	7	46,3
9º Botafogo	50	36	13	11	12	51	47	4	46,3
10º Flamengo	49	36	14	7	15	40	44	-4	45,4
11º Corinthians	49	36	14	7	15	36	43	-7	45,4
12º Goiás	49	36	13	10	13	56	48	8	45,4
13º Atlético-PR	47	36	13	8	15	59	57	2	43,5
14º Juventude	46	36	13	7	16	39	47	-8	42,6
15º Palmeiras	43	36	12	7	17	56	65	-9	39,8
16º Fluminense	41	36	10	11	15	45	56	-11	38,0
17º Ponte Preta	38	36	10	8	18	44	61	-17	35,2
18º São Caetano	36	36	9	9	18	36	47	-11	33,3
19º Fortaleza	34	36	7	13	16	36	60	-24	31,5
20º Santa Cruz	28	36	7	7	22	39	71	-32	25,9

36ª RODADA

Grêmio 3x1 Santa Cruz
Flamengo 0x2 Figueirense
Corinthians 1x1 Fluminense

ONTEM

Juventude 3x2 Palmeiras
São Paulo 1x1 Atlético-PR
São Caetano 0x1 Vasco
Paraná 1x0 Internacional
Botafogo 2x2 Goiás
Cruzeiro 1x1 Santos
Fortaleza 1x0 Ponte Preta

37ª RODADA

Botafogo x Corinthians
Grêmio x Flamengo
Juventude x Fortaleza
São Paulo x Cruzeiro
São Caetano x Paraná
Atlético-PR x Figueirense
Vasco x Santos
Goiás x Ponte Preta
Santa Cruz x Fluminense
Palmeiras x Internacional

Artilharia

16 gols

Souza (Goiás)



O atacante não marcou nas últimas quatro rodadas, e caminha para ser o artilheiro com menos gols na era do Brasileiro de pontos corridos

13 gols

Tuta (Fluminense), Cicero, Soares e Schwenck (Figueirense)

33%

dos 24 gols da rodada foram marcados com a cabeça, um recorde da competição até agora

Espera dita os tons do jogo e da comemoração

Muricy recua o time, leva o empate, e tetra só chega após fim de jogo no Sul

São Paulo Atlético-PR

1 1

DA REPORTAGEM LOCAL

O jogadores do São Paulo fizeram ontem o que lutavam para não fazer há pelo menos cinco rodadas, desde que a torcida passou a entoar o grito de campeão: comemorar o título antes de o tetracampeonato se concretizar matematicamente.

O empate com o Atlético-PR, por si só, não garantia o quarto troféu do Brasileiro.

Foram nove minutos de sentimentos conflituosos no Morumbi. Os gritos de campeão espocavam pelas arquibancadas, mas ainda sem a força de um legítimo fim.

Apenas o goleiro Rogério, logo ele, o grande ídolo são-paulino, destoava de seus companheiros e insistia em esperar que a vitória do Paraná (1 a 0) se confirmasse. Fabão, autor do gol do tetracampeonato, foi o primeiro a celebrar.

Quando Rogério iniciou sua festa, o grito da torcida ficou mais forte. Parecia que todo mundo no Morumbi esperava pela permissão.

“Todo mundo menos eu. Eu sabia que a gente ia ser campeão hoje”, gritava um irrecônciliável Leandro, normalmente sisudo, que fez até se equilibrar sobre a trave para mostrar sua alegria.

Souza, que há uma semana, logo depois de vencer o Goiás no Serra Dourada, era o único dos jogadores que já dava como certa a conquista, aproveitou para revalidar suas palavras. Na rodada anterior, seu discurso provocou uma bronca em público do companheiro Aloisio.

“Eu sabia que não tinha falado bobagem. Eu sei a força do nosso time”, disse o meia. Ele bateu a falta que resultou no gol de Fabão, misturando orgulho por ter tido a coragem de fazer a previsão e o desabafo. No fim, tudo foi questão de tempo.

Tempo que, durante o jogo parecia mudar sua velocidade. Até o gol de cabeça de Fabão, aos 25min da etapa inicial, correu rápido, acelerado pela defasagem provocada pelas chuvas que interromperam Paraná x Inter e que, no final, causou a apreensão nos são-paulinos por quase dez minutos. Um empate, até aquele momento, era temerário, já que caso o Inter tivesse ganho seu jogo, a festa do São Paulo seria adiada.

Tempo que depois passou a correr lento no Morumbi, sobretudo na segunda etapa, quando Muricy Ramalho optou por colocar um terceiro zagueiro no lugar de Leandro.

O time, mais recuado, levou o empate/ducha de água fria,

Fabão diz que sonha em ficar e recua

DA REPORTAGEM LOCAL

Ele se acostumou a fazer gols em finais com a camisa do São Paulo. Nas decisões das duas Libertadores que o time protagonizou, ele deixou a sua marca tanto no Morumbi —2005—, quanto no Beira Rio —2006.

Herói do jogo em que o São Paulo voltou a ser melhor do Brasil, Fabão viveu momentos distintos. Primeiro, fez juras de amor ao clube. Deixou no ar até o último momento que poderia continuar no Morumbi. Depois, ele admitiu a saída.

Em 2007, os atacantes japoneses estarão na sua mira. Ele vai ao Kashima Antlers. “Estou com muita tristeza. Mas tem momentos na vida da gente em que temos que pensar na família.”

Zagueiro do estilo “beque de fazenda”, logo após a partida contra o Atlético-PR,

Fabão deu esperanças aos são-paulinos ao falar de seu futuro. “Vou passar as férias em Itaparica. Vou deixar o celular ligado e o São Paulo vai ter sempre a prioridade.”

Depois, porém, ele caiu na real ao falar do seu compromisso com o futebol japonês.

Com os pés no chão, o momento ontem foi de agradecimento ao São Paulo.

“Tudo o que eu sou hoje eu devo ao São Paulo. O clube me deu projeção. Não tem lugar melhor para trabalhar. E eu já rodei por grandes clubes”, falou o zagueiro.

Fabão chegou a dizer ainda que não vê outro time para trabalhar se não o do Morumbi. “Se tiver que jogar em outro time, tem que ser um time de fora. No Brasil, é o São Paulo. As vezes você vai a outro time por dinheiro. Mas dinheiro não é tudo.”

Feliz por mais uma vez marcar pelo clube numa decisão, ele festejou. “Mais uma vez marquei um gol em final. Foi fruto de treinamento. De trabalho. Estou muito feliz”, finalizou o jogador. (TA)

estatística

Equipe sofre ‘apagão’ no jogo decisivo

DA REPORTAGEM LOCAL

No jogo que marcou a conquista do tetracampeonato, o São Paulo mostrou um futebol bem menos vistoso do que o apresentado ao longo de toda a competição. É o que registra o levantamento do Datafolha feito no empate em 1 a 1 com o Atlético-PR ontem no Morumbi.

A equipe do técnico Muricy Ramalho apresentou ontem médias mais baixas do que as que costuma registrar no torneio em nada menos que cinco fundamentos analisados pelo instituto: desarmes, faltas cometidas, finalizações, dribles e cruzamentos.

Em só um deles, o time se destacou por superar a média que apresenta no Brasileiro: troca de passes.

Os números refletem o intuito do time na maior parte da partida: gastar o tempo em troca de bolas para não ser surpreendido pelo Atlético-PR.

O fato de o time ter trocado 10% mais de passes que costuma fazer ontem —foram, no total 337— não se refletiu numa chegada mais contundente ao gol rival. O Datafolha contabilizou 11 finalizações, a sexta pior marca do time nos 36 jogos que fez no Brasileiro.

O São Paulo é o time que mais finaliza no certame —tem média de 16,4 arremates por jogo.

O fato de não ter chutado tanto contra a meta de Cléber pode ser explicado pelo reduzido número de dribles são-paulinos.

Ontem, a equipe só ariscou dez tentativas, com sete certas. Os jogadores que mais se destacaram no fundamento foram o lateral-direito Ilninho e o atacante Leandro, que saiu no decorrer do jogo muito aplaudido. Depois, ele foi um dos mais empolgados, tendo inclusive subido no travessão de um gol do Morumbi para celebrar.

A pegada do time também deixou a desejar: o São Paulo cometeu 16 faltas. A média do time neste quesito, de acordo com o Datafolha, é de 24,8. (LF)

FEITO: PÚBLICO É O MAIOR DAS 3 DIVISÕES NACIONAIS

São Paulo Atlético-PR

1 1

Rogério	Cléber
Ilninho	Evanilson
Fabão	Gustavo
Miranda	Danilo
Júnior	Michel
Josué	Erandir
Mineiro	Alan Bahia
Souza	(Marcelo Silva)
(Thiago)	Christian
Danilo	Ferreira
Leandro	Dênis Marques
(Alex Silva)	(Paulo Rink)
Aloisio	Marcos Aurélio
(Lenilson)	(Válber)
T: M. Ramalho	T: O. Alvarez

Estádio: Morumbi, em São Paulo
Juiz: Aílton Pena Júnior (MG)
Renda: R\$ 684.733,00
Público: 68.733 pagantes
Gols: Fabão, aos 25min do 1º tempo; Christian, aos 34min do segundo

com gol de Christian, aos 34min. Um empate, a partir daquele momento, significava o tão sonhado tetracampeonato do Campeonato Brasileiro, troféu que o time esperava para levantar de novo desde 1991.

“Sabíamos que ia ser difícil, que o Atlético-PR iria vir com tudo para complicar e estragar a nossa festa. Dentro de campo, sentimos que eles estavam com muita vontade”, afirmou o volante Josué.

A frustração pelo resultado contra o Atlético-PR aconteceu apenas porque adiou para uma outra oportunidade a quebra de um tabu: o São Paulo jamais conseguiu conquistar um título do Nacional com vitória na partida derradeira. A equipe levanta-

tu as taças de 1977 (com o Atlético-MG), 1986 (frente ao Guarani) e 1991 (diante do Bragantino). Em todas as ocasiões, o placar terminou empatado.

No fim de toda a celebração, foi Mineiro quem deu o tom de sobriedade à comemoração. “Mais uma vez estou escrevendo meu nome na história do clube”, resumiu o quase sempre contido volante, um dos principais destaques da campanha do título.

História que, apesar dos frutos colhidos antecipadamente, ainda não acabou. No domingo, a festa são-paulina continua no Morumbi, no jogo contra o Cruzeiro, pelo Brasileiro que, agora sim, já tem dono. (PAULO GALDIERI)

Eduardo Knapp/Folha Imagem



No gramado do Morumbi, Fabão comemora seu gol

TRICOLORS



Torcida são-paulina, recorde de público do Brasileiro-2006 ontem, vibra com sua equipe dentro e fora do Morumbi



Título faz mito de Rogério ganhar força no São Paulo

Melhor jogador do Mundial e da Libertadores, capitão fez tratamento até no dia do jogo para pegar o Atlético-PR

Contido, goleiro não aderiu à volta olímpica dos colegas até o término da partida do Internacional, que decretou a conquista são-paulina

DA REPORTAGEM LOCAL

A cada ano Rogério parece capitalizar mais na disputa para ver quem é o maior ídolo da história do São Paulo. E o título do Brasileiro lhe confere mais pontos na empreitada.

Ainda mais porque, para garantir presença no jogo contra o Atlético-PR, que sacramentou o tetracampeonato, ele passou por sessões de fisioterapia até no fim de semana passado para curar uma lesão muscular na coxa direita que o tirou de dois jogos na reta final.

Mesmo ontem, dia da partida, fez um trabalho especial de relaxamento muscular, para suportar os 90 minutos. Depois, festejou lembrando a derrota na decisão da Libertadores, para o Internacional.

"Acho que a equipe absorveu todas as cargas negativas após aquela derrota e se superou para conquistar o título", disse.

Rogério também valorizou o trabalho do técnico Muricy Rammalho, criticado depois do fiasco na Libertadores —então o segundo vice-campeão do clube no ano, que depois perderia a Recopa para o Boca.

"Ele tem grande participação, superou muitas críticas e hoje foi coroado com um título importantíssimo."

O esforço de Rogério nos testes físicos em bicicleta ergométrica, corridas no gramado e em esteira e nas sessões de ultrasonografia, eletroterapia, aplicação de gelo e de ondas curtas foi maior que o que ele teve de fazer na etapa inicial. No segundo tempo, não falhou no gol e ainda salvou o que seria a virada do Atlético-PR, em chute de Erandir à queima-roupa.

Após o apito final, enquanto os companheiros já davam a volta olímpica, o goleiro, cercado por repórteres e cinegrafistas, se conteve até o fim do jogo entre Paraná e Internacional.

Só no momento em que o placar eletrônico cravou o título é que o capitão extravasou. Foi até a arquibancada, buscou uma bandeira com os torcedores e deu sua volta olímpica, sempre seguido de jornalistas.

Na maior parte dos 15 anos de espera são-paulina pelo Brasileiro, Rogério foi titular do time. Até o ano passado, ele carregava a fama de não ganhar troféus de expressão, o que depunha contra na corrida para ser considerado, enfim, o maior da história do clube.

Ele mesmo questionava se era o melhor goleiro do São Paulo. As conquistas internacionais do ano passado, porém, o deixaram em posição privilegiada na galeria de craques tricolores. Foi o melhor jogador da Libertadores e do Mundial.

Desde os anos 40, com a che-

Antônio Gaudério/Folha Imagem



Rogério, que se recuperou de lesão, comemora no Morumbi

gada de Leônidas, o São Paulo contou com grandes nomes do futebol. Montou esquadrões e abasteceu a seleção brasileira em todas as Copas após a Segunda Guerra. Mas poucos tiveram a fidelidade de Rogério, no São Paulo desde 1990.

Sócio do clube, do qual já admitiu um dia disputar a presidência, ele tem o recorde de partidas com a camisa tricolor (703 jogos) e estabeleceu a marca de goleiro com mais gols na história do futebol (67).

Ele quer jogar ao menos mais quatro anos antes de pendurar as luvas. Acha difícil completar mil jogos pelo time e marcar cem gols na carreira, mas tem tempo para mais títulos e mais história no São Paulo. (LUÍS FERRARI E RODRIGO BUENO)

memória

Goleiro viveu infortúnios na temporada

DA REPORTAGEM LOCAL

O ano para Rogério termina bem, mas foi marcado por infelicidades, tristezas e problemas também. A temporada que sucedeu seu melhor ano pessoal começou com uma cirurgia no joelho, o que o tirou do início da Paulista.

Recuperado, o jogador conseguiu vaga na Copa, chegou a entrar em uma partida, mas acabou sem o título, como ocorreu em 2002, ano do penta.

Na volta ao São Paulo, viveu o que ele mesmo chamou de sua "pior semana". Em meio à final da Libertadores, quando cometeu decisiva falha no segundo jogo contra o Inter, foi abalado pela notícia do acidente que vitimou o goleiro Weverson e que deixou outro goleiro são-paulino, Bruno, tetraplégico. Os dois eram como seus "pupilos".

No primeiro semestre, a morte de Telê Santana, com quem trabalhou no início da carreira, já havia causado entristecimento.

Na disputa da Recopa, o goleiro se envolveu em polêmica ao atirar a medalha de vice-campeão para a torcida. O gesto foi interpretado por muitos como falta de esportividade.

Rogério também experimentou um entreviro com a jornalista Milly Lacombe ao vivo no canal Sportv. O caso acabou na Justiça porque o goleiro entendeu ter sido acusado de falsificação —o assunto era a proposta do Arsenal, supostamente forjada, para levar o arqueira.

O São Paulo se torna hoje o clube que mais se assemelha à palavra vitória

A geração de 2005 e 2006 está gravada na história. Daqui a dez anos, vão lembrar desse time como lembram dos de 86, 92 e 93, vão fazer enquetes para saber qual é a melhor...

ROGÉRIO CENI
goleiro do São Paulo

Time promete ajuda à família de goleiro

DA REPORTAGEM LOCAL

Após o pai do goleiro Weverson, morto em acidente de carro em agosto, ter reclamado à **Folha** que o clube poderia ter sido mais solícito com a família, a diretoria do São Paulo se manifestou ontem pouco antes do jogo. E sinalizou com uma proposta de ajuda.

"Estamos estudando uma solução contábil para poder ajudá-los. O problema é que não sabemos o que ele —Marcos Saffiotti, pai do atleta— quer", falou Marco Aurélio Cunha.

Sobre a reclamação de Saffiotti de que o São Paulo pagou apenas os 11 dias trabalhados no mês de agosto, Cunha afirmou que o clube cumpriu a lei.

"Se pagássemos mais de 11 dias seria fraude. Não podíamos pagar dias de trabalho a um falecido." Apesar de as queixas terem caído mal junto à cúpula são-paulina, Saffiotti não deverá ficar desamparado.

O diretor de futebol João Paulo Cunha voltou a cogitar a possibilidade de arrumar um emprego ao pai de Weverson.

Rogério lembrou do goleiro e de Bruno, o outro atleta envolvido no acidente em que Weverson morreu. "Eles são campeões", disse o jogador. (LFE/ETA)

Conformado, Inter culpa a Libertadores

COLABORAÇÃO PARA A AGÊNCIA FOLHA, EM CURITIBA

O atacante Fernandão culpou o excesso de jogos do Internacional na temporada deste ano pela perda do Brasileiro.

Para ele, o fato jogar, ao mesmo tempo, o Nacional e a Libertadores, prejudicou o rendimento da equipe, que não conseguiu manter, no Brasileiro, uma formação titular. Ontem, perdeu do Paraná por 1 a 0.

Por esses problemas, o jogador disse acreditar que o Inter conseguiu concretizar uma boa campanha. "Valeu o empenho da equipe durante o campeonato. Por causa da Libertadores, jogamos 15 ou 16 jogos com a equipe reserva, e todos sabem como fica difícil manter uma regularidade tendo pela frente dois campeonatos tão disputados como esses", disse.

Na opinião do zagueiro Fabiano Eller, o Brasileiro ainda tem importância estratégica em razão do Mundial do Japão. "As duas partidas que faltam vão servir de base para a gente chegar bem no Mundial. Temos que encará-las como treino."

Eller, porém, disse que a preocupação será grande contra Goiás e Palmeiras, para evitar que alguém se machuque.

GRANDES ÍDOLOS SÃO-PAULINOS

Década a década



Leônidas

Período no clube: 1942 a 1950
Títulos: Paulista (1943, 1945, 1946, 1948 e 1949)
» Artilheiro da Copa de 1938, o centroavante que consagrou a bicicleta chegou ao São Paulo na maior transação do futebol sul-americano à época



Canhoto

Período no clube: 1954 a 1963
Título: Paulista (1957)
» Incensado como o "Garrincha da ponta esquerda" por sua habilidade, foi um dos primeiros jogadores a terem fã-clube no Brasil e é homenageado em uma canção de Chico Buarque e outra de Fagner



Pedro Rocha

Período no clube: 1970 a 1977
Títulos: Paulista (1971 e 1975)
» Chegou ao clube após ter sido consagrado no futebol uruguaio e por Pelé, que o elevou a um dos melhores do mundo. Meia habilidoso, foi o artilheiro são-paulino no Brasileiro de 1972, com 17 gols



Careca

Período no clube: 1983 a 1987
Títulos: Brasileiro (1986) e Paulista (1985)
» Chegou ao clube com a missão de substituir Serginho Chulapa, o maior artilheiro da história do São Paulo. Foi artilheiro do Paulista e do Brasileiro que conquistou pelo São Paulo



Raí

Período no clube: 1987 a 1993 e 1998 a 2000
Títulos: Mundial Interclubes (1992); Libertadores (1992 e 1993); Brasileiro (1991) e Paulista (1989, 1991, 1992, 1998 e 2000)
» Capitão da equipe comandada por Telê Santana, foi o melhor jogador do primeiro título mundial do São Paulo. Chegou à Copa de 1994 como capitão da equipe

ZETTI

NÃO GOSTO muito de fazer comparações entre equipes de épocas diferentes, mas o São Paulo, que ontem ganhou o tetracampeonato, estava sob uma situação de pressão grande, até maior que a do time que eu integrei, campeão brasileiro de 1991.

Há 15 anos, a pressão antes da decisão era enorme. O time havia sido vice do Nacional nos dois anos anteriores. Mas foi algo que só sentimos na última semana do torneio, que não era disputado no formato atual.

Neste ano, e ainda mais depois de o time ter sido três vezes vice, o São Paulo ficou sujeito a outro tipo de pressão. A rigor, com o regulamento de pontos corridos, são oito meses de pressão e não uma semana, como nós vivemos em 1991.

Naquela decisão contra o Bragantino, sabíamos que o adversário tinha vantagem e ainda faríamos o último jogo na casa deles. Era uma equipe muito bem armada, que dificilmente perdia em Bragança.

Então fizemos um pacto no elenco. Era fundamental reverter a vantagem na primeira partida e jogar pelo empate no interior. Lembro que o Telê Santana insistiu muito nesse ponto com todos os jogadores.

No primeiro jogo, tivemos muito trabalho, mas conseguimos ganhar de 1 a 0. O problema foi que o Elivélton sofreu uma fratura no pé. Ficamos sem nosso ponta-esquerda titular no segundo jogo —sim, naquela época ainda usávamos a tática com dois pontas, diferentemente do sistema 3-5-2 que predomina hoje (o único jogador de 91 que já insinuava características do futebol atual era Cafu, que tinha gás para exercer bem tanto as funções ofensivas quanto defensivas).

E a grande sacada para o título foi

O último título

Sacada tática de Telê Santana garantiu o troféu, que após explosão de euforia passou uma semana desaparecido

justamente aproveitar o diferencial do Cafu. Antes do segundo jogo Telê já havia tomado sua decisão, mas fez questão de consultar os mais experientes do grupo, como eu, Rai e Ronaldão. Deslocaria o Cafu da lateral-direita para a ponta-esquerda.

O objetivo era anular a principal jogada do Bragantino, pelo lado direito, com o Gil Baiano. Era dos pés dele que surgiam os maiores lances de perigo. Então, em vez de lançar um especialista na ponta-esquerda —sem as características de tanta

marcação— na vaga de Elivélton, encontrou o Cafu, para marcar.

Deu certo. Saímos de Bragança sem levar gols e com a taça. Taça esta que passou uma semana desaparecida depois da conquista.

Quando voltamos de Bragança para a capital como campeões, foi uma confusão no ônibus, que passou pelo CT e foi ao Morumbi, onde havia uns 10 mil torcedores para celebrar.

Eu não estava no ônibus, porque fiquei no exame antidoping, e voltei para São Paulo na perua do clube com o médico. Mas o ônibus que trouxe os jogadores passou por uma explosão de euforia. Torcedores invadiram para comemorar com o elenco. Na confusão, sumiu muita coisa, camisas, material esportivo... O clube deu uma semana de folga

para todos. Cada um foi para sua cidade. Mas, no dia seguinte, ninguém, nem no CT nem no Morumbi, sabia do troféu. Após dois vices, enfim havíamos conseguido a taça, que ninguém sabia onde estava. Os dirigentes acionaram a polícia. Então, uma semana depois, quando nos reapresentamos, a taça subitamente reapareceu, com o Antônio Carlos.

Quando o ônibus passara pelo CT, o troféu foi retirado dele e deixado no estacionamento. O Antônio Carlos viu a taça lá depois de voltar da festa no Morumbi, ficou preocupado com a possibilidade de alguém levá-la embora, e a colocou no seu carro sem avisar a ninguém. Depois viajou para o Mato Grosso, onde passou a semana toda de folga, sem ver as notícias do sumiço do troféu.

Em campo, na zaga, ele havia salvado o time algumas vezes. Assim como "salvou" o troféu.

ARMELINO DONIZETTI QUAGLIATO, o Zetti, 41, foi o goleiro que obteve mais títulos internacionais pelo São Paulo como titular. Hoje, é comentarista de futebol

Espiões e assédio forjaram campeões

Diretoria são-paulina monta rede de informação para ter elenco vencedor

No início da temporada, empresários apresentam entre 30 e 40 atletas ao São Paulo, que busca dados até sobre comportamento

RODRIGO MATTOS DA REPORTAGEM LOCAL

No escritório do empresário Juan Figer, Juvenal Juvêncio, então diretor de Futebol do São Paulo, viu um jogador passar pela porta aberta. Não o reconheceu, mas perguntou ao empresário quem era o atleta. Tratava-se do atacante Leandro.

Juvêncio, que fora ao local falar sobre outro negócio, quis saber a situação do jogador. Já estava quase fechado com o Fluminense. O atual presidente do clube ligou para o auxiliar-técnico Milton Cruz e para o treinador Muricy Ramalho, que fizeram elogios ao atacante.

Mais informações colhidas, e Juvêncio e João Paulo de Jesus Lopes, então diretor de planejamento, passaram a seduzir Figer e Leandro. À noite, ele fechava com o São Paulo.

Ocorrida no início do ano, a cena é um exemplo de como foi montado o time campeão Brasileiro de 2006.

Juvêncio (agora presidente) e Jesus Lopes (atual diretor de futebol) são responsáveis pela palavra final. Acertam valores e condições dos contratos.

Mas, para tomar as decisões, contam com uma rede de informantes. O principal é o auxiliar-técnico Milton Cruz, que indica, busca dados e até faz o primeiro contato com atletas.

Mas ainda há quatro ex-jogadores ligados ao São Paulo que também são ouvidos. Estão espalhados pelo Brasil, e seus nomes são mantidos em sigilo.

Jogadores do próprio time e outros membros da comissão técnica, inclusive o técnico Muricy Ramalho, completam a lista de detetives. Só são analisados DVDs com jogos inteiros — nada de melhores momentos.

"Procuramos informações técnicas, físicas e de comportamento sobre os jogadores. Para

isso, o processo muda em cada caso", diz Jesus Lopes.

Alguns atletas já foram vetados por não seguirem a conduta esperada pelos dirigentes. Ou seja, quem conta com noitadas, bebidas e encrencas no currículo tem pouca chance.

Dos que passaram no teste, boa parte chegou ao clube por meio de empresários.

No início da temporada, os dirigentes contabilizam entre 30 a 40 ofertas. A maioria delas não interessa. Mas há outros que fecham, como Iلسinho, André Dias, Miranda e Danilo.

O meia só joga no time por indicação de seu agente, Gilmar Rinaldi, ex-goleiro do clube.

Os outros três foram oferecidos à diretoria são-paulina quando tinham transferências quase fechadas com outros clubes. Todos foram observados em jogos da Série A, e acertaram com o time do Morumbi quando seus compromissos anteriores expiraram.

Por isso, clubes como Atlético-PR e Goiás já acusaram o São Paulo de aliciar atletas. Os são-paulinos admitem que colhem informações antes de procurar os clubes.

"Mas só vamos atrás de atletas sem contrato ou com seis meses para o fim", defende-se Jesus Lopes.

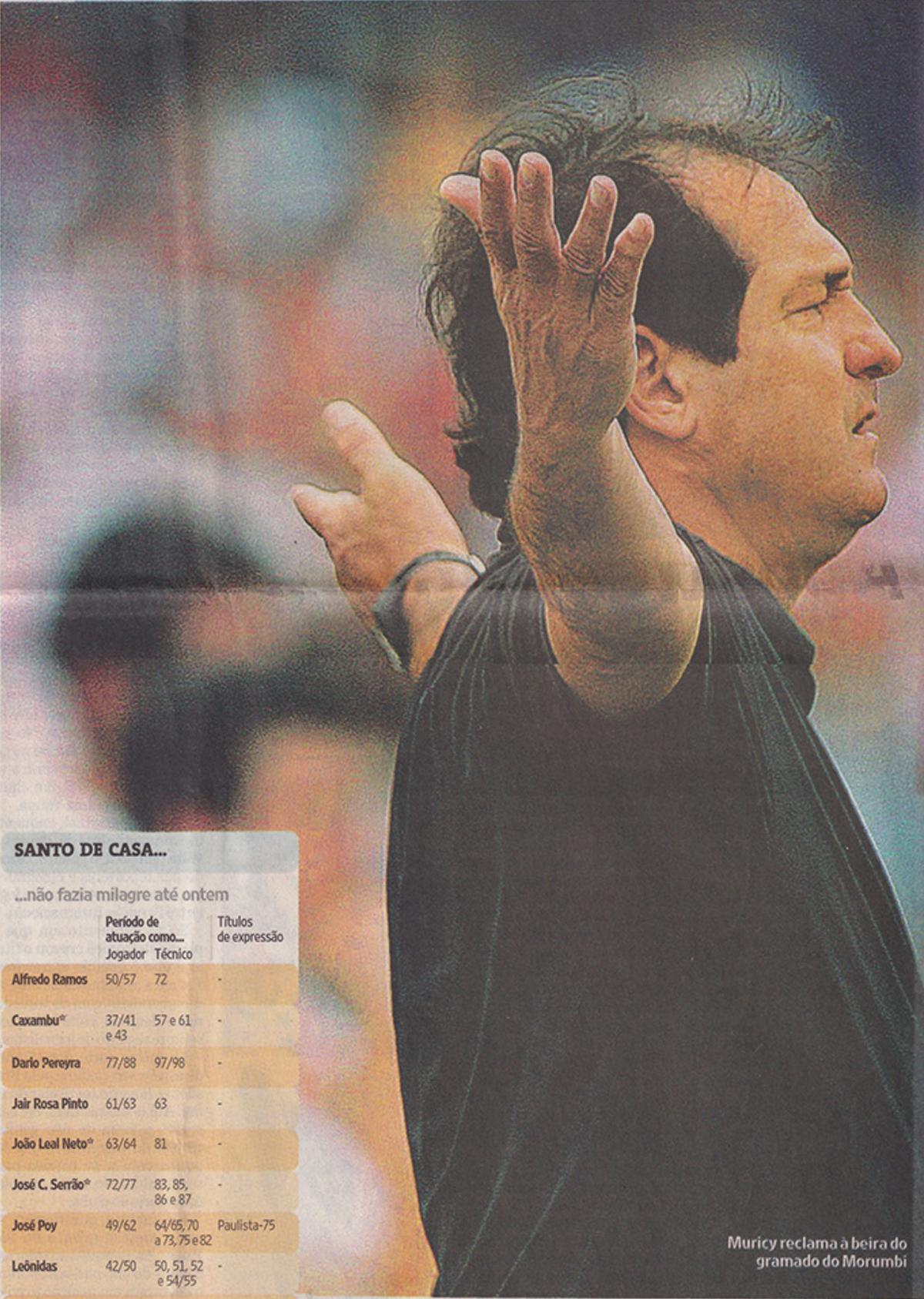
Foi o caso do volante Josué. Por dois anos o São Paulo quis contar com ele, mas o Goiás pediu alto. A meses do final do seu acordo goiano, o time paulista assinou pré-contrato.

O Atlético-PR irritou-se ao perder Aloísio, que gerou até briga jurídica, vencida até agora pelos são-paulinos.

Em todos os casos, há uma preocupação com o sigilo.

Mineiro foi contratado na surdina. Com medo do vazamento da notícia, Jesus Lopes marcou encontro com o volante na casa de sua irmã. "Deve ter um porteiro, pipoqueiro ou um fantasma que sempre conta as coisas que acontecem no Morumbi", brinca.

Na moita, o São Paulo conquistou o Brasileiro-06, quarto título da equipe em dois anos.



Muricy reclama à beira do gramado do Morumbi

SANTO DE CASA...

...não fazia milagre até ontem

	Período de atuação como...		Títulos de expressão
	Jogador	Técnico	
Alfredo Ramos	50/57	72	-
Caxambu*	37/41 e 43	57 e 61	-
Dario Pereyra	77/88	97/98	-
Jair Rosa Pinto	61/63	63	-
João Leal Neto*	63/64	81	-
José C. Serrão*	72/77	83, 85, 86 e 87	-
José Poy	49/62	64/65, 70 a 73, 75 e 82	Paulista-75
Leônidas	42/50	50, 51, 52 e 54/55	-
Márcio Araújo	81 e 83/86	93	-
Mário Sérgio	81/82	98	-
Milton Cruz*	77/79	99 e 05	-
Muricy Ramalho	73/79	94, 96/97 e 06	Brasileiro-06 e Conmebol-94
Nelsinho Baptista	71/77	98 e 01/02	Paulista-98
Pablo Forlán	70/75	90	-
Pita*	84/88	98	-
Renganeschi	45/48	59	-
Remo	40/51	59	-
Roberto Rojas	87/89	03	-
Silva*	73/76	91	-
Zarzur*	43/47	47	-

* Treinadores Interinos

Diretoria já planeja elenco com 25 atletas de '1º nível'

DA REPORTAGEM LOCAL

O São Paulo 2007 já está sendo planejado antes mesmo de dezembro de 2006 chegar. Ontem, o diretor de futebol João Paulo Jesus Lopes projetou os moldes que devem nortear o departamento para manter o time no caminho das decisões.

"Vamos disputar vários campeonatos e precisamos de um elenco com 30 a 32 jogadores. A nossa ideia é ter entre 23 e 25 atletas de primeiro nível para dar ao Muricy a condição ideal de trabalho ao longo do ano", afirmou o dirigente.

Entre os nomes que chamam a atenção da diretoria, o atacante Dagoberto, que ontem

não enfrentou o São Paulo pelo Atlético, ganha força no clube.

"Estamos acompanhando o caso do Dagoberto à distância. Mas ele é um belíssimo jogador", falou o dirigente.

Sobre o desmanche do time, a diretoria sabe que vai ter trabalho. Dois dos quatro atletas de meio-campo têm propostas para sair: Danilo e Mineiro.

Para ficar, Mineiro exige valorização salarial e contrato de quatro anos, que já teria sido oferecido pela diretoria.

O zagueiro Fabão confirmou que vai para o Kashima Antlers, time do técnico Paulo Autuori. Para sua vaga, o São Paulo pode trazer Adailton, do Rennes (França). (TA)

JUCA KFOURI

Muricy Ramalho, o Telezinho

A COMPARAÇÃO cabe. E não cabe. Explique-se.

Não cabe porque Muricy está no começo de sua carreira como técnico.

Mas cabe por uma porção de outras coisas.

Por exemplo: já houve quem quisesse ver nele o perfil de perdedor, mais essa bobagem importada dos Estados Unidos que divide o mundo entre "winners" e "losers", vencedores e perdedores.

Telê Santana também provou deste fel, até calar a boca dos coitados, como Abel Braga também os calou na Taça Libertadores.

Há agora quem queira rotular José Roberto Guimarães do mesmo modo, mas aí é mera má fé com o primeiro técnico a levar uma equipe brasileira a ganhar uma medalha de ouro olímpica, para não citar as dezenas de outras conquistas.

Mas, voltemos a Muricy.

Como Telê, ele é avesso à promoção pessoal.

E tem na ponta da língua uma santa indignação, aquela ira dos justos que não suporta meias verdades, pior que muitas mentiras.

Porque as mentiras são fáceis de desmoralizar, enquanto as meias verdades precisam ser explicadas.

Muricy não quer dar aulas de jornalismo aos jornalistas.

Mas dá.

Dá ao dizer que as pessoas, em regra, não sabem nem 10% do que acontece dentro dos clubes.

E isso é verdade não apenas nos clubes, mas em geral.

Nós, jornalistas, em regra, sabemos, no máximo, a ponta do iceberg. E olhe lá.

Já Emerson Leão não sabe nem distinguir os cargos de revisor e de chegador dentro de uma redação,

O diminutivo não é para diminuí-lo. É apenas uma maneira carinhosa de homenagear um campeão

mas deita falação.

E ignora que se houvesse um revisor no Corinthians ele nem poderia dar uma simples entrevista.

Já Vanderlei (atenção, revisão, com V, não W), ah, deixa pra lá...

Muricy, campeão pernambucano, gaúcho, paulista e brasileiro, não costuma deixar de cumprir seus contratos, por mais tentadoras que tenham sido as propostas para descumpri-los.

Já..., ah, deixa pra lá...

Muricy Ramalho tem dito que os

técnicos são os lobos dos técnicos, sem nenhum pudor para se oferecer quando sentem uma oportunidade. Talvez devesse ter dito que são verdadeiros urubus.

E erra, é claro, numa ou noutra substituição, numa ou noutra escalação, como todos, como nós, até quando achamos que foi ele.

Não é, no entanto, do tipo que vive de criar caso com os atletas. Ao contrário, tem com eles a relação que os jogadores podem até às vezes não gostar, mas que respeitam.

Porque é perfeccionista como Telê, de quem foi auxiliar técnico, e obsessivo como Bernardinho, sempre voltado para o próximo desafio, até incapaz de curtir devidamente uma conquista.

Aliás, eis um cuidado que o técni-

co precisa adotar, porque tanta exigência consigo acaba por fazer mal e até a intolerância com as coisas erradas precisa de limites porque, em excesso, acabar por envenenar, como ficou demonstrado à exaustão no acidente vascular de Telê.

Muricy precisa aprender a relaxar, a rir dos outros — e de si mesmo.

Este São Paulo tetracampeão deve muito a ele como peça essencial de uma estrutura que já pegou montada e não teve a pretensão de mudar, para dar a sua cara.

E que soube preservar numa hora dramática, como a perda, por detalhes, da Libertadores, em duas partidas memoráveis contra o Inter.

Deve ter sido muito difícil não sucumbir ali, não desmoronar como tantos que, por muito menos, não suportaram a dor de uma derrota.

Só que se há derrotas dignas de orgulho, e como há, são elas também que dão mais gosto às vitórias.

blogdojuca@uol.com.br

santo de casa

Jorge Araujo/Folha Imagem

Após três tombos, Muricy afasta sina

Técnico sepulta fardo de perder taça em momentos cruciais

Ranzinza e de estilo simples, treinador se consagra como o primeiro ex-atleta do São Paulo a ganhar um título Nacional com a prancheta

DA REPORTAGEM LOCAL

Foram três vezes no ano. Mas no fim, o grito de campeão saiu. E da melhor maneira. Dentro de casa e com um Morumbi botando gente pelo ladrão.

O jogo de ontem, que abreviou o Brasileiro deixando as duas rodadas restantes apenas para cumprir tabela em relação ao título, coroou um trabalho que foi nivelado por cima.

São 25 jornadas como o melhor time — num total de 26 — e recorde absoluto de uma equipe no topo desde que o Brasileiro voltou a ser disputado com pontos corridos.

Termina também o campeão com mais vitórias (22) e mais gols marcados (64).

E quem comandou tudo isso? Muricy Ramalho, 50, o novo técnico campeão brasileiro.

Dono de um estilo ranzinza, porém autêntico, resgata uma linhagem que andara sufocada por etiquetas, marketing e palavreado difícil.

"Sempre que o time perde a culpa é do técnico. Já estou acostumado. Agora, só tenho a

agradecer a minha mulher [Roseli], que me ajudou a superar os momentos difíceis", disse.

Ontem, após o empate que rendeu ao São Paulo seu quarto título nacional, ele mais uma vez fez valer o seu jeito simplório. "Vou comemorar com os jogadores. Vou para o vestiário. Agora a festa é nossa", falou ainda no gramado do Morumbi.

Técnico que usa uniforme do

clube na beira do campo e não se preocupa com aparência — ostenta uma protuberante barriga —, Muricy inaugura uma lista de profissionais são-paulinos que ganharam títulos importantes dentro e fora de campo, quebrando uma incômoda sina para ex-atletas do clube que assumiram o comando técnico do time.

O maior treinador da história

entrevista

Técnico chora e pede proposta para continuar

DA REPORTAGEM LOCAL

Chamado de burro por uma pequena parte da torcida por causa das substituições que fez ontem, Muricy Ramalho chorou ao falar do título que considera o mais importante de sua vida. (TA)

PERGUNTA - Antes do final do jogo no Sul, você não comemorou o título. Por que?

MURICY RAMALHO - Futebol é coisa séria. Isso aqui é para gente grande. Não é fácil.

PERGUNTA - E depois, quando o título, de fato, foi conquistado?

MURICY - Futebol é muito estresse. Você está à frente de um clube que tem milhões de pessoas. Mas estou realizado. Sou campeão. Trouxe minha família para ver o jogo.

PERGUNTA - Qual foi o momento mais complicado para você?

MURICY - A perda da Recopa. Falaram muita coisa. Até do Brasileiro. E o time estava

bem. Ali assumimos um compromisso de ganhar.

PERGUNTA - Você foi pressionado em algum momento?

MURICY - No futebol, o técnico sempre perde. Nos momentos ruins, eu fiquei meio sozinho. Perdemos campeonatos. E você tem que ter alguém para te ajudar. Aí você tem que ter uma pessoa. Minha mulher foi muito importante... [o técnico chora e interrompe a entrevista].

PERGUNTA - Você já projeta seu ano em 2007?

MURICY - Tem muita gente que está por trás de mim. Não tenho pressa nenhuma de renovar. Quero ficar no São Paulo, mas tem de ter uma valorização do trabalho. E tenho certeza de que eles vão valorizar. Quem não quer trabalhar aqui no São Paulo? Esse ano acertei em dez minutos. Sou o técnico dos grandes que ganha menos por aí. O que quero é uma proposta de trabalho.

PERGUNTA - O elenco do São Paulo é especial?

MURICY - Muito. E sei que vamos perder muito com a saída do Fabão. Ele vai fazer muita falta.

da equipe foi Telê Santana, que não tinha vestido a camisa tricolor como atleta.

Rubens Minelli, o primeiro a tornar o time campeão nacional, também não defendeu a equipe como jogador.

Dos "boleiros" são-paulinos que viraram "professores" no clube, José Poy e Nelsinho Baptista eram os que tinham títulos mais significativos. Cada um ganhou apenas um Paulista na carreira.

Muricy já havia ganho duas competições internacionais como técnico no São Paulo.

Venceu a Copa Conmebol comandando o "Expressinho" — nome pelo qual era conhecido o grupo com jovens atletas postulantes ao time titular — em 1994 e, depois, conquistou a Supercopa da Conmebol, disputa que teve só uma edição, em 1996.

Porém essas duas conquistas não ajudaram o treinador a ganhar muito prestígio no clube.

Muricy era visto como um discípulo de Telê sem a devida experiência. Foi liberado pela diretoria para "rodar" o Brasil, como o próprio Muricy afirma.

Ontem, com a missão cumprida de dar ao São Paulo um título no ano, desabafou. "Sou campeão. Agora posso falar que sou campeão." (TONI ASSIS E RODRIGO BUENO)

Temporada questiona faro dos dirigentes

Figurantes do time fazem eficácia dos cartolas ser questionável em 2006

Muricy diz que cada jogador teve papel importante em determinado momento da trajetória da equipe até a conquista do campeonato

DA REPORTAGEM LOCAL

A destreza que o São Paulo sempre teve para formar seus times recentemente, especialmente no ano passado, parece ter não ter sido a mesma na temporada de 2006.

Sob o rótulo de clube que faz sempre as contratações exatas nos momentos certos, agora a diretoria são-paulina parece não ter tido o mesmo sucesso de anos anteriores, quando a simples indicação do então presidente Marcelo Portugal Gouvêa transformou o zagueiro uruguaio Lugano em um dos principais ídolos da equipe.

Alex Dias, Rodrigo Fabri, Lúcio, Ramalho e Lenilson não conseguiram se firmar com a camisa do clube e figuraram como meros coadjuvantes.

Para o técnico Muricy Ramalho, o importante é destacar a importância que cada atleta teve no decorrer da campanha.

"Procuo passar para cada um deles que cada jogador teve o seu momento especial", afirmou o treinador são-paulino.

Já para o superintendente Marco Aurélio Cunha, a equipe do Morumbi não pode ter sempre 100% de acerto. "Isso é risco calculado. Além disso, o São Paulo tem um histórico de jogadores que demoraram a vencer. Com Pedro Rocha, Dario Pereyra, Careca e Rai foi assim", afirmou o dirigente.

Neste ano, o caso mais latente é o de Alex Dias. Depois de cumprir o papel de goleador nos Nacionais de 2004 e 2005 pelo Vasco, o atacante não explodiu com a camisa são-paulina e hoje é uma das últimas opções de Muricy.

"O Alex teve um bom começo no São Paulo. Foi importante no Campeonato Paulista", ameniza Cunha, que, no entanto, concorda que Rodrigo Fabri é um dos casos em que o clube

errou na mão. "Realmente o Rodrigo destoa", completou.

Trazido por indicação de Muricy Ramalho como mais uma grande sacada da diretoria, Fabri chegou a ser desligado da Libertadores pelos seguintes problemas físicos que enfrentou no clube.

Para o técnico, no entanto, ele pode ter uma segunda chance. "O Rodrigo não teve uma sequência. Fica difícil falar dele", comentou Muricy.

Outro que engrossa a lista de reforços que se apagaram durante a temporada é o lateral-esquerdo Lúcio, envolvido em uma troca com o atacante Roger. Contratado do Palmeiras para fazer sombra a Júnior, é a terceira opção no setor, perdendo para Richarlyson.

Lenilson também vem ganhando chance no time principal, mas suas oscilações o deixam distante de ser uma realidade para a torcida. Mesmo na condição de artilheiro da equipe no Brasileiro, com oito gols, a diretoria ainda segue atrás de um substituto para Danilo, que está indo para o Japão.

O volante Ramalho, que veio para compor o setor, segue como simples reserva.

Apesar do sucesso da equipe no Brasileiro, a fase de contratações parece não ter sido ser mesmo de tapinhas nas costas para a diretoria são-paulina.

Em duas das investidas que vingaram, problemas extracampeão fizeram o tiro sair pela culatra. O melhor exemplo foi o caso de Ricardo Oliveira, impedido de disputar a final da Libertadores no Rio Grande do Sul porque o Betis, da Espanha, não renovou o seu empréstimo por uma semana para que ele pudesse atuar no segundo jogo.

Já o equatoriano Reasco, que chegou a estrear na equipe, sofreu uma fratura por estresse.

O zagueiro André Dias é outro que quase entrou nesse quadro. Homem de confiança de Muricy Ramalho, o jogador ficou um período afastado da equipe em função de um imbróglio com o Goiás na Justiça. (TONI ASSIS)

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ